

MANEJO FLORESTAL COMUNITÁRIO UMA EXPERIÊNCIA NO SUDESTE DO PARÁ

Maria do Socorro G. Ferreira e Manuel Amaral

Enga. Ftal. MSc. Embrapa Amazônia Oriental. Trav. Dr. Enéas Pineiro,
s/n. Cx. Postal 48. CEP.: 66.095-100 Belém, Pará. Email:
socorro@cpatu.embrapa.br

A colonização de terras florestais, o ordenamento territorial inadequado, a falta de opções competitivas do uso sustentado da floresta, são os principais problemas que conduzem ao desmatamento na América Tropical. No sudeste do Pará, o processo de colonização começa geralmente com a "escolha" de um lote onde o agricultor se instala e a partir daí, trabalha para produzir o sustento da família, através da agricultura, extrativismo e exploração de madeira, chegando até ao estabelecimento de pecuária. A exploração da madeira é feita visando facilitar a "limpeza" da área para outros usos, além de contribuir monetariamente para o estabelecimento da família rural. A exploração baixo manejo sustentado das florestas remanescentes dessas áreas é uma das alternativas que poderá contribuir com a contenção desse processo. Desse modo, foi desenvolvido uma prática de manejo comunitário com participação direta dos colonos, na comunidade de Sitio Novo, município de Itupiranga, Pará, em uma área de aproximadamente 100 ha de mata primária, pertencentes a dez unidades familiares. Através dos resultados do inventário diagnóstico, verificou-se que 30% do volume pertencia às espécies de valor comercial, representando mais de 50 m³/ha (árvores com DAP 45 cm). Com amplas discussões com os agricultores, definiu-se critérios para a execução do plano de manejo para essas florestas (área a ser explorada anualmente igual a 10 ha, participação comunitária na exploração, transformação e resultados financeiros). A elaboração do plano apresentado ao IBAMA, seguiu o estabelecido nas legislação vigente na época (Portaria nº 48, IBAMA). O Inventário Pré-Exploratório (100% dos indivíduos 30 cm de DAP) foi realizado nos 10 ha destinados à primeira exploração. O resultado mais importante até o momento tem sido a decisão desses agricultores em não explorar suas florestas remanescente sem manejo sustentado.